

RUBEM  
BRAGA

M 626  
Radio Ago 64  
RN 83  
DN 28 e 30/9/69  
FLU, abril 81

## Recordações de um bom sujeito

A CHO que todo mundo é assim: eu me acho um bom sujeito. Sou obrigado a reconhecer, porém, que tenho certa facilidade em despertar antipatias: sou desatento, mau fisionomista, e, não tendo intimidade, calado. Inimigos de verdade quase não tenho, nem tive: só para o gasto.

Mas não quero falar de inimigos. Quero falar desse tipo de sujeito com quem a gente se dá cordialmente através dos anos, com quem troca vagas amabilidades ou pequenos favores e que por acaso, um belo dia, a gente descobre que é contra a gente.

Um deles me causou uma grande surpresa. Um amigo me sugerira arranjar um emprego que não era muito bem pago, mas também não exigia muito trabalho: um bico. Eu não estava procurando outra coisa naquele momento. O tal amigo me explicou que arranjar o emprego para mim ele não podia, só ajudar. E perguntou se eu não conhecia ninguém na tal organização. Citou uns três nomes. Escolhi um, vamos dizer, o Zeca. “Ah, você é amigo dele? Pois então está ótimo: quem resolve é ele mesmo!”

Falei ao Zeca. O Zeca abriu-me o sorriso e os braços: “Mas é uma honra ter você aqui conosco! O velho Braga! O príncipe da crônica! É um grande prazer! Você sabe que não depende só de mim, mas não tem nada: hoje mesmo vou mexer com isso!”

E o bom Zeca logo começou a mexer, conforme apurei depois, contra mim. Eu lhe perguntara se não convinha eu falar também com outro diretor, ele disse que absolutamente, deixasse por conta dele.

Passaram-se semanas. Dois, três meses. Telefonei ao Zeca, ele me deu uma explicação, me obrigou a ir almoçar com ele na cidade (estragou minha praia) e me fez juras de amor. E assim foi me cozinando.

Um dia eu encontrei o tal amigo que me sugerira o emprego, e ele me perguntou: “Mas quem foi que lhe disse que o Zeca era seu amigo?” Fiquei então sabendo de tudo; de tudo não, porque houve

detalhes que fui saber por outras pessoas. O meu amigo contara ocasionalmente a um outro diretor da organização que eu ia trabalhar lá, o Zeca prometera. O tal diretor, na primeira reunião, conversando com o Zeca, fez referência ao meu nome. O Zeca desconversou: “É, ele andou querendo vir para aqui, mas parece que já arranjou outra coisa...” E mudou de assunto.

Acabei arranjando o emprego por insistência, praticamente por exigência de meu amigo, contra as mais sutis e teimosas manobras do Zeca. Quando apareci lá para assumir, ele me esmagou com um abraço e fez questão de me oferecer outro almôço. Inventei uma desculpa e não aceitei.

Jamais descobri por que o Zeca não gostava de mim e fazia tanta questão de fingir que gostava. Estou usando o verbo no passado porque o Zeca morreu. Eu o vira um mês antes em um bar, e ele fizera tudo para que eu fosse para sua mesa. “Oh, velho Braga, príncipe da crônica!”

Não fui ao enterro. Acho que príncipe não vai muito a enterro. No dia seguinte encontrei uma velha amiga que tinha ido. “Por que você não apareceu?” Expliquei-lhe que, para falar francamente, eu não era lá muito amigo do Zeca. Ela perguntou o que tinha havido entre nós dois: alguma questão de dinheiro, de mulher? Respondi que nada. Ela então contou uma confissão que o Zeca lhe fizera pouco tempo atrás: que um sujeito que ele detestava, mas que detestava mesmo, era eu. Ela até perguntara o motivo, o Zeca dissera que motivo mesmo não tinha, apenas não ia com minha cara; de qualquer modo podia garantir que eu não prestava pra nada — e era “muito falso”.

Não digo que fiquei contente com a morte do Zeca; sou, conforme já expliquei, um sujeito de bom coração. Mas chorar também não chorei. E se o Zeca continuar morto, como tem continuado direitinho estes últimos anos, vou acabar por considerá-lo, a ele também, um bom sujeito.

422 - 21.6.60